

Paulo José e as relações culturais no Brasil

Crítico colaborador do CS trata da imersão teatral do ator e diretor morto em agosto pela obra de Ana Cristina César

ERON DUARTE FAGUNDES*

O ator Paulo José, gaúcho de nascimento, faleceu em 11 de agosto de 2021, aos 84 anos, no Rio de Janeiro, a cidade-sede de sua arte ao longo dos anos. Na véspera de seu falecimento, eu me pus a rever "As amorosas" (1968), de Walter Hugo Khouri, onde Paulo interpretou um estudante existencialista dos anos 60; revendo, me pus a pensar nos encaixes de interpretação de Paulo no universo depurado de Khouri, sem que o ator perdesse seu próprio jeito. Em 2010 Paulo esteve em Porto Alegre para apresentar uma peça de teatro em torno da poesia e da personalidade de Ana Cristina César, creio que a peça lança luzes sobre estes encaixes da sensibilidade de Paulo na cultura brasileira.

A primeira vez em que ouvi falar de Ana Cristina César foi num texto do jornalista gaúcho Juremir Machado da Silva datado de 29 de outubro de 1993. Começava assim: "Sentei-me à sombra dos eucaliptos para pensar em Ana Cristina César. E em Sylvia Plath." Na reflexão central de seu texto, talvez um característico "diário literário" como eram os versos, as notas, as traduções e os ensaios de Ana Cristina, Juremir anota: "De poetisa, estamos cansados. De senhoras polidas que escrevem versos nos intervalos dos chás, também. De reflexões sem carne, mais ainda. A beleza de Bruna Lombardi não a salva da catástrofe poética. A poesia de Ana Cristina não a protegeu da morte. Ao contrário." Só alguns anos depois deparei com a literatura (poesia, ensaios, cartas, notas, traduções) de Ana Cristina: um atraso de minha própria alienação para com um objeto de que gosto muito, as letras.

Ana escreve em "Cenas de abril": "é sempre mais difícil / ancorar um navio no espaço". Paulo José, o ator cinematográfico de "Macunaima" (1969), de Joaquim Pedro de Andrade, e "Quincas Berro d'Água" (2010), de Sérgio Machado, dirige e interpreta dirigindo um drama



A peça "Um navio no espaço ou Ana Cristina César" é uma proposta estética de resgate de Paulo José

teatral extraído de seu conhecimento da pessoa da escritora no início dos anos 80 quanto dos textos da própria Ana que inquietaram o mundo cultural brasileiro entre os anos 70 e 80. Enquanto o público chega e se vai ajeitando nas poltronas, Paulo lê alguns apontamentos para "a produção duma peça sobre Ana Cristina César", apresentando assim à plateia que se aproxima desatenta e desavisada uma conversação-esboço sobre o esqueleto de formação da peça "Um navio no espaço ou Ana Cristina César". Paulo vai permanecer sentado a uma mesa entulhada de livros durante quase que a totalidade de sua uma hora e vinte minutos de duração da encenação; somente quase ao final ele se levanta para dar as últimas interrogações de sua perplexidade diante do enigma Ana Cristina César, a poetisa e inte-

lectual brasileira que, depois de algumas aventuras europeias e uma breve experiência de analista de textos da Rede Globo de Televisão, se suicida jogando-se da janela do apartamento de seus pais, na rua Tonelero, em Copacabana, no Rio. O navio no espaço é um pouco a metáfora de Ana e um pouco a perplexidade de Paulo.

Em 1982 Paulo José apresentava um programa televisivo. Os textos deste programa eram analisados pelo Departamento de Análise de Textos. Um destes textos voltou a Paulo cheio de borrões e reprimendas. Paulo foi tomar satisfação com a pessoa dos borrões. Foi seu primeiro contato com Ana Cristina César. Contato negativo. Tempo depois, descobriu que ela lançava um livro de poesia. Comprou e apaixonou-se. Paulo procurou-a no departamento para tentar rever a

relação profissional dos dois.

O departamento estava fechado. Paulo viajou. Neste meio tempo Ana suicidou-se. Esta história faz parte da peça: é sua introdução. "Um navio no espaço ou Ana Cristina César" é uma proposta estética de resgate de Paulo José, onde ele é ao mesmo tempo o próprio Paulo e representa também a figura do pai de Ana: resgatar uma amizade perdida, uma consideração perdida. Para isto, Paulo vale-se de outra Ana, a filha de Paulo, Ana Kutner; há o confronto de Paulo com Ana Cristina, mas há também o confronto entre pai e filha, entre Paulo e Ana Kutner, e finalmente o confronto que parece mais interessante, entre a literatura e a vida. "Não volto às letras, que me doem como uma catástrofe. Não escrevo mais. Não milito mais. Estou no meio da cena, entre quem adoro e quem me adora."

Com sua poesia Ana aponta pistas de seu gesto trágico final, mas também despista. Com seus diários ela mais se oculta do que se revela, enovelando-se em citações de toda ordem; com estes diários que indicariam uma explicação de seus gestos, ela volta ao conceito de um de seus ensaios básicos, a literatura não é documento, não explica nada, precisa ser interpretada.

A peça trazida por Paulo José e sua filha Ana é um ponto de contato estético com as estranhezas de Ana Cristina César. O "por quê?" final da voz de Paulo vai fechar-se sobre o telão de fundo que mostra a figura jovem, oculta (óculos escuros), distanciada da poetisa e pensadora que tocou o coração dos dois intérpretes de "Um navio no espaço ou Ana Cristina César".

* Crítico de cinema

ESTANTE

CÓDIGO DE MACHADO DE ASSIS

Estudioso de Machado de Assis e do Direito, Miguel Matos uniu suas duas maiores áreas de interesse para produzir um volume único na fortuna crítica do Bruxo do Cosme Velho. O lançamento de "Código de Machado de Assis" aborda o escritor brasileiro a partir de perspectiva inédita, destacando a numerosa presença de advogados, desembargadores e bacharéis de Direito, entre outros personagens do meio jurídico na obra do autor fluminense. Matos mostra que a obra de Machado cresce ainda mais se analisada pelo viés jurídico. O célebre enigma sobre a eventual traição de Capitu, em "Dom Casmurro" não escapa dessa nova chave de leitura da obra que tem apresentação de José Sarney e prefácio de Luiz Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal. A obra tem formato de código jurídico, com capítulos, artigos e incisos. O autor traz dados sobre a vida do pai de Machado de Assis e revela o nome do padrinho que lhe teria ensinado francês. A obra, em papel ou on-line, pode ser adquirida pelo codigodemachadodeassis.com.br.



MENINAS

Primeira obra de Liudmila Ulitskaia publicada no Brasil, com tradução de Irineu Franco Perpétuo, "Meninas" reúne seis contos que formam ciclo de histórias perfeitamente arquitetadas pela autora. Ambientados em Moscou no período próximo à morte de Stálin, em 1953, os contos são protagonizados por meninas de 9 a 11 anos, que aparecem e reaparecem na sequência das narrativas. Coincidindo com a época da infância da escritora, a atmosfera destas histórias é alimentada por reminiscências autobiográficas, enriquecidas pela criatividade e talento narrativo desta que é uma das maiores prosadoras russas em atividade, vencedora



LIUDMILA ULITSKAIA

CÓDIGO DE MACHADO DE ASSIS

Estudioso de Machado de Assis e do Direito, Miguel Matos uniu suas duas maiores áreas de interesse para produzir um volume único na fortuna crítica do Bruxo do Cosme Velho. O lançamento de "Código de Machado de Assis" aborda o escritor brasileiro a partir de perspectiva inédita, destacando a numerosa presença de advogados, desembargadores e bacharéis de Direito, entre outros personagens do meio jurídico na obra do autor fluminense. Matos mostra que a obra de Machado cresce ainda mais se analisada pelo viés jurídico. O célebre enigma sobre a eventual traição de Capitu, em "Dom Casmurro" não escapa dessa nova chave de leitura da obra que tem apresentação de José Sarney e prefácio de Luiz Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal. A obra tem formato de código jurídico, com capítulos, artigos e incisos. O autor traz dados sobre a vida do pai de Machado de Assis e revela o nome do padrinho que lhe teria ensinado francês. A obra, em papel ou on-line, pode ser adquirida pelo codigodemachadodeassis.com.br.

